

O Gigante (de) Diego Rayck

Fernando C. Boppré



Um dia tive a infeliz idéia de levar o artista Diego Rayck ao meu apartamento. Trazia consigo um saco de carvão para churrasco. Dispus a ele de toda uma parede para desenhar o que quisesse. Tive que sair para trabalhar. Minha esposa chegou antes de mim e, ao telefone, disse-me que havia um cara grande e barbudo desenhado em nossa parede. Acho que ela estava um pouco assustada. Ao voltar, deparei-me com o corpanzão de um gigante nu, barbudo, peludo, despenteado e com cara de poucos amigos, exatamente na parede do escritório, local onde passo a maior parte do tempo e que, por isso mesmo, tenho que olhá-la todos os dias.

Desde então tenho convivido com esse gigante de carvão. Minha esposa também. Ele participou da exposição “Jogo do Bicho” que apresentamos no Espaço Contramão no ano passado. Algumas pessoas o viram durante a exposição. Depois, alguns amigos e parentes passaram por aqui e, recordo-me, de algumas objeções, como: “Por que ele não desenhou uma mulher nua?”, ou então, “Podia ser uma paisagem ou alguma coisa mais alegre”.

Não. Diego Rayck é perverso. Em sua aparente timidez há uma maquinaria sem fim de subversões. Afinal, criar todo um mundo, como faz em seus infindáveis exercícios nos jogos de RPG não é tarefa dentro da ordem. Além de imaginar e desenhar novos mundos, Rayck descreve em seus cadernos – com sua letra mínima – toda a geografia, biologia, regimes urbanos, entre outros aspectos destas cidades.

Em minha casa, ele tratou de contrariar todas as expectativas. Para tanto, importou de um destes deploráveis mundos um ser abismal que agora “decora” meu apartamento. Olha-me, a todo instante, pelas costas, enquanto escrevo este texto. Quase sinto seu hálito provindo

de outros espaços e tempos. Rayck criou um triângulo onde não havia: agora sou eu, minha esposa e ele – o Gigante.

Em sua nudez, no braço que hesita, no dorso que parece se virar, o ser está constrangido em estar aqui. Tenho certeza disso. Ele chega não sei de onde, exatamente em meu escritório, completamente pelado, e sequer diz uma palavra. Atrás de si, nenhuma referência espacial, muito menos temporal para sugerir de onde ele vem (ou para onde ele vai). Há apenas a sugestão de uma outra parede que sugere mais um desvio em minha própria parede. No entanto, o que mais assusta, é a idéia de uma porta eternamente aberta à entrada (e saída!?) dessas bizarrices provindas desde não sei onde.

Por sorte, até agora, há apenas o Gigante, com o corpanzil a descrever seu deslocamento que, em última instância, assinala sua incompletude neste mundo. Afinal, o que ele faz aqui? A parede por onde entra é exatamente aquela que separa meu apartamento do ambiente externo. Não há outro apartamento, outro quarto ou mesmo um elevador atrás dela. O Gigante aparece por ela, como quem quer ultrapassar o interno-externo. Um portal aberto que nunca se fecha. A não ser, que eu decida pintá-la de branco. Serei tão autoritário quanto ele?